

POTENCIALIDADES DAS NARRATIVAS ORAIS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA INOVADORA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

POTENTIALS OF ORAL NARRATIVES AS A INNOVATIVE PEDAGOGICAL STRATEGY IN INTEGRATED HIGH SCHOOL

Francisco Gilberto Mendes dos Santos¹; João Ricardo Avelino Leão²

¹Docente do Instituto Federal de Rondônia; *E-mail*: francisco.g santos@ifro.edu.br ORCID: 0000-0001-5696-4448

²Docente do Instituto Federal do Acre; *E-mail*: joao.aleao@ifac.edu.br ORCID: 0000-0002-0660-4715

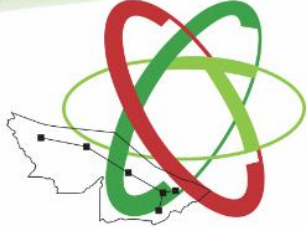
Artigo submetido em 01/10//2022 e aceito em 23/11/2022

Resumo

Contextualizar o ensino de forma a torná-lo uma prática satisfatória ao discente que atenda sua individualidade e que priorize o espaço onde ele está inserido é desafiador. Este artigo teve o objetivo de investigar como as narrativas orais de histórias de vida na Amazônia podem contribuir como possibilidades comunicativas da cultura e indicar como essas trajetórias personalizadas podem ser utilizadas em sala de aula. Para isso, optou-se pelo trabalho com história oral, a partir de relatos de moradores da localidade, obtidos através de entrevistas com gravações de áudios. O trabalho foi desenvolvido no Instituto Federal do Acre, IFAC - campus Tarauacá, durante os meses de setembro de 2020 a agosto de 2021. A análise dos dados ocorreu com base nos pressupostos teóricos da análise textual discursiva (ATD). Ao final, foram produzidas 12 narrativas do gênero memórias nas quais procurou-se caracterizar os perfis dos sujeitos e o contexto em que as narrativas ocorreram, por meio de elementos presentes nas narrativas, que remetem a aspectos temporais, espaciais, culturais e semânticos que permitiram identificar categorias agrupadas em unidades de sentido a partir das perspectivas trabalho, infância, família, memórias femininas, rio Tarauacá, religião, cultura e educação. As memórias individuais e coletivas dos sujeitos permitiram traçar um panorama da localidade, desde a época dos seringais aos dias atuais, evidenciando acontecimentos, lugares, personagens, costumes, devoções, organização familiar, social, econômica, cultural e religiosa, além de valorizar as experiências da comunidade, levando-as a se enxergarem como sujeitos dentro dos processos educacionais e sociais.

Palavras-chave: Histórias de vida; Ensino-aprendizagem; Gênero textual discursivo; Memórias.

Abstract



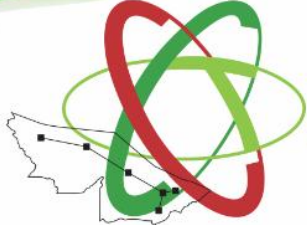
Contextualizing teaching in order to make it a satisfactory practice for students that meets their individuality and prioritizes the space where they are inserted is challenging. This article aimed to investigate how oral narratives of life stories in the Amazon can contribute to the communicative possibilities of culture and indicate how these personalized trajectories can be used in the classroom. For this, we chose to work with oral history, based on reports from residents of the locality, obtained through interviews with audio recordings. The work was carried out at the Federal Institute of Acre, IFAC - Tarauacá campus, from September 2020 to August 2021. Data analysis was based on the theoretical assumptions of discursive textual analysis (DTA). In the end, 12 narratives of the memory genre were produced in which we tried to characterize the profiles of the subjects and the context in which the narratives occurred, through elements present in the narratives, which refer to temporal, spatial, cultural and semantic aspects that allowed identify categories grouped into units of meaning from the perspectives of work, childhood, family, female memories, Tarauacá River, religion, culture and education. The individual and collective memories of the subjects made it possible to draw an overview of the locality, from the era of the rubber plantations to the present day, highlighting events, places, characters, customs, devotions, family, social, economic, cultural and religious organization, in addition to valuing the experiences of the community, leading them to see themselves as subjects within educational and social processes.

Keywords: Life stories; Teaching-learning; Discursive textual genre; Memories.

1 INTRODUÇÃO

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) prevê a valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, oferecendo ao aluno a possibilidade de reconhecer o Brasil como um país de múltiplos elementos culturais, entre eles, a língua. Nesse Sentido, Santos (2021), aponta que a língua é um legado histórico e cultural da humanidade, é o resultado da interação entre os falantes, e se constitui como patrimônio cultural imaterial.

Em meio ao desenvolvimento científico e tecnológico vivenciado nos últimos tempos, Candau (2019) assinala que assim como a língua, as narrativas orais de histórias de vida fazem parte da cultura brasileira e estão presentes por todas as regiões, assim como a dança, a música, a culinária, entre outras. Segundo Barbosa (2011), por meio da memória dos moradores, as narrativas se fazem presentes nas comunidades. Essa tradição tem sido transmitida de geração a geração, como forma de manter viva a memória de determinada localidade.

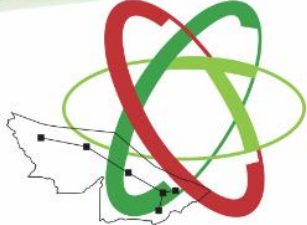


De acordo com Eliade (2002), por meio do estudo de memórias locais, é possível pautar a prática docente na busca de novas metodologias e elementos que despertem um conhecimento novo em sala de aula. Nessa perspectiva, segundo Candau (2019), trazer as narrativas da comunidade para o ambiente escolar, significa expandir um e outro setor através da interação entre os personagens que compõem os cenários sociais. Desta forma, promovendo a inclusão e valorização da cultura. Vale ressaltar que o conceito de cultura engloba questões relativas às sociedades, as identidades, aos sujeitos, têm, portanto, sentidos diversos, CANDAU (2019).

Para Le Goff (2020), é a partir da memória local que o aluno inicia a construção de sua identidade, pois essa estratégia de ensino contribui para que ele se perceba como sujeito dentro dos processos sociais. Assim, Batista (2007) salienta que um bom trabalho em sala de aula com o gênero narrativo memórias, pode colaborar para a formação de leitores, para o desenvolvimento da competência da linguagem, além de ser um elemento de ligação entre a escola e comunidade. A autora ainda considera que quando o aluno encontra no texto a realidade a qual pertence, passa a familiarizar-se com as histórias, que por sua vez, irão contribuir com o processo de formação e valorização da identidade dele.

De acordo com Ribeiro (1993), a escola por meio de suas práticas pedagógicas, precisa trabalhar, visando à importância de ser manter viva a cultura popular local, uma vez que, quando bem trabalhada, além de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, ainda permite a possibilidade de fomentação da economia regional, assim como o turismo e o artesanato. Nessa perspectiva, Le Goff (2021) considera que quando se pensa em trabalhar cultura popular na escola, é importante considerar não só os aspectos culturais, mas também, os econômicos e sociais, partindo-se do imaginário à sobrevivência.

Para Morin (2011) quando o currículo escolar faz referência à diversidade, esta precisa ser entendida não só como diversidade de gênero, mas sim, toda a produção humana. Evidencia-se na fala das autoras que tal produção engloba não só o que possui registro escrito, mas o repertório de narrativas orais. A escola precisa considerar que uma manifestação cultural não sobrepuja a outra, mas sim que todas possuem sua relevância de acordo com o contexto (RIBEIRO, 1993).



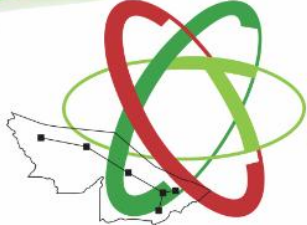
Meihy e Seawright (2020) enfatizaram que quando os professores exploram as narrativas pertencentes ao meio social do aluno, ele passa a fazer uma relação entre o texto e sua realidade, tal fato pode favorecer o processo de ensino-aprendizagem. A fala dos autores supracitados vai ao encontro da concepção de Freire (1989), ao enfatizar que quando o discente encontrar nas narrativas, personagens, enredos, lugares e tempos que fazem parte de seu mundo real, o texto passa a fazer sentido na vida dele.

Para Ribeiro (1993), a aplicação em sala de aula de metodologias que abordem diferentes cenários com os quais os alunos têm certa familiaridade, contribuem positivamente como estímulo à leitura e produção textual e podem atuar de forma decisiva no processo de inclusão e valorização cultural. Nada melhor que procurar conhecer o outro e valorizar sua história de vida, com base nos elementos culturais que os formam e que são revelados através da oralidade (RIBEIRO, 1993).

Lira (2015) afirma que as narrativas orais são relatos e experiências de um povo que realmente acredita naquilo que está narrando. Desenvolver em sala projetos dessa natureza representa uma forma de se comunicar e interagir com o mundo além da sala de aula. Avelar (2015) acrescenta que ao narrar uma história, o narrador constrói a sua interpretação, que se baseia em valores, crenças e ideias que orientam o momento presente.

Meihy (2006) enfatiza ser importante a promoção de momentos que tragam para a escola, pessoas da comunidade, convidadas para falar de suas histórias de vida ou narrar acontecimentos, que permeiam o imaginário popular do lugar. Desta forma, além do exercício da oralidade, o aluno poderá interagir com a comunidade externa, e ainda, ter a oportunidade de conhecer memórias que estiveram por muito tempo esquecidas.

Nessa perspectiva, Koch e Elias (2006) consideram que a partir do momento que o indivíduo se percebe como protagonista da sua própria história, é capaz de compreender também, que enquanto falante, é um dos elementos que constituem a teia cultural do lugar em que vive. Desta forma, favorecendo o processo de pertencimento, considerando que sua fala, suas expressões linguísticas, não são apenas sons, mas sim, manifestações de uma cultura por ele produzida.



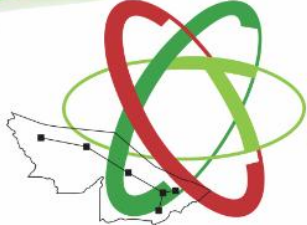
Conforme Perazzo (2015), o ato de contar histórias aproxima e estabelece vínculos afetivos entre pessoas que sequer se conheciam, colabora para internalização discursiva dos relatos, permitindo que a memória discursiva se desenvolva de forma inter-relacionada com outras habilidades, como a leitura e a escrita concomitantemente. Assim, o gênero história de vida se constitui em um objeto de ensino-aprendizagem bastante significativo para o aluno no momento em que o professor consegue aproximar as situações cotidianas de uso desse gênero com as práticas escolares.

Contudo, Koch e Elias (2006) ressaltam que ensinar língua oral não deve significar para a escola, apenas possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, mas sim, trabalhar a capacidade comunicativa em geral e o preparar para a vida pública, no sentido da interação, argumentação e convencimento do que se propõem comunicar. Os autores destacam ainda, o quanto é necessário identificar como o processo de inserção da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa, pode ser efetivado a partir da valorização dos saberes populares locais. O objetivo deste artigo foi investigar como as narrativas orais de histórias de vida na Amazônia podem contribuir como possibilidades comunicativas da cultura e indicar como essas trajetórias personalizadas podem ser utilizadas em sala de aula.

2 METODOLOGIA

As narrativas orais de histórias de vida como instrumentos de resgate de memórias com possibilidade de inserção no ensino interdisciplinar foram coletadas entre os meses de outubro de 2020 a fevereiro de 2021 na cidade de Tarauacá, Acre. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa. Gil (2010) afirma que uma abordagem qualitativa é a mais indicada quando se trata de investigar questões socioculturais que envolvem uma interação direta entre o pesquisador e o objeto da pesquisa. O autor ainda enfatiza que nesse tipo de pesquisa, o pesquisador precisa ser o mais impessoal possível, de forma a evitar possíveis falhas nos resultados dos dados coletados.

Como se trata de uma pesquisa que se propõe a resgatar memórias locais, a coleta de dados foi realizada por meio da entrevista aberta, estruturada com gravação



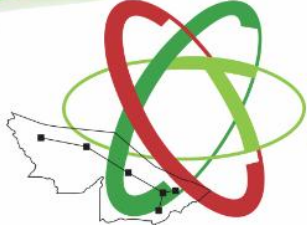
de áudios, através de aparelho celular. Almeida et al., (2018) considera que na entrevista, a intencionalidade do entrevistador vai além da mera busca de informações, sendo necessário criar um ambiente de confiabilidade para que o entrevistado se sinta à vontade para falar.

Em relação à análise de dados qualitativos, foi feita a análise textual discursiva com base em Moraes e Galliazzi (2007). Segundo os autores, o objetivo dessa metodologia de análise vai ao encontro dos objetivos da pesquisa qualitativa, uma vez que ambas afirmam que os resultados devem ser atingidos de maneira indutiva.

A análise textual discursiva foi desenvolvida em três etapas, no primeiro momento foi feita a desmontagem do texto, significa o primeiro olhar sobre o material, se vão ao encontro dos objetivos propostos, traços em comuns; em seguida estabelecemos relações, por meio do processo de codificação, foram identificadas temáticas em comum; por fim, realizou-se a interpretação dos resultados, o que as autoras chamam de novo emergente. A opção por esse tipo de análise se deve ao fato de que os resultados finais abordam, principalmente, o contexto sociocultural em que as informações foram colhidas, aspecto bastante relevante para o trabalho com memórias.

Estavam aptos a participar da pesquisa, os nascidos ou criados no município, com sessenta anos ou mais, independente do sexo. Para chegar a 12 participantes, ao final de cada entrevista, foi pedido ao entrevistado que sugerisse o próximo. A participação estava condicionada à assinatura de um termo, no qual o participante autorizava o uso da sua voz e imagem para fins de pesquisa. Os participantes foram informados que a qualquer momento poderiam desistir de participar, mas não houve desistências.

As primeiras perguntas objetivaram caracterizar a biografia do entrevistado: nome, idade, religião, profissão, estado civil, número de filhos. Em seguida, foi pedido que contasse um pouco das suas memórias na cidade de Tarauacá, desde à infância aos dias atuais, sempre procurando fazer um paralelo entre o ontem e o hoje. Importante se faz ressaltar, que as entrevistas não tiveram um aspecto de conversa formal, muito pelo contrário, buscou-se, nas visitas marcadas com antecedência,



proporcionar uma conversa mais espontânea para que o entrevistado se sentisse à vontade e motivado a falar.

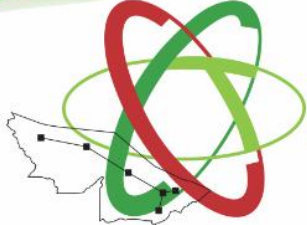
Uma vez realizada a coleta dos dados, a aluna bolsista, sendo assessorada pelo professor de Língua Portuguesa, de forma remota, por meio das ferramentas Google Meet, Correio eletrônico e aplicativo WhatsApp, realizou o processo de transcrição das gravações. O passo seguinte, consistiu na reescrita dos textos, de acordo com os elementos da narrativa, de forma que como resultado, as impressões da aluna somaram-se às impressões dos doze entrevistados, promovendo assim, aquilo que Candau (2019), chama de encontros de subjetividades.

Como o projeto foi executado num momento em que o Brasil ainda vivencia os efeitos da pandemia da Covid-19, foi seguido todo o protocolo de segurança determinado pela organização mundial de saúde (OMS) optou-se por lugares arejados durante as entrevistas, uso de máscara e álcool em gel sempre ao alcance das mãos. As entrevistas duraram em média de quinze a vinte cinco minutos e, em virtude do uso da máscara, algumas partes dos áudios tiveram que ser descartados, pois ficaram inaudíveis.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na concepção de Le Goff (2013), as narrativas orais são importantes instrumentos de integração entre os membros de determinada comunidade, além de permitir a interação entre gerações diferentes. Contribuindo com as considerações do autor, Candau (2019) enfatiza que por meio delas, ocorre o compartilhamento de imagens, lembranças de recortes de elementos culturais materiais e imateriais. Nesse sentido, o autor ainda destaca que o ato de narrar permite a transmissão de saberes, valores, lembranças, memórias que se ressignificam ao serem compartilhadas na interação social.

Partindo das considerações acima, podemos nos questionar que saberes, valores, lembranças e memórias são esses a serem compartilhados dentro da cidade de Tarauacá. No intuito de responder a essa indagação, apresentaremos o resultado das entrevistas realizadas com doze moradores de Tarauacá, que por meio de suas memórias individuais e coletivas, que possibilitaram o agrupamento das seguintes



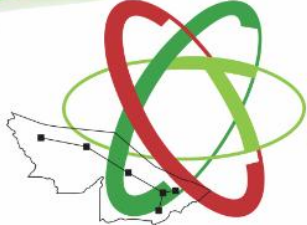
unidades de sentido a partir de suas falas: trabalho, infância, família, memórias femininas, rio Tarauacá, religião, cultura e educação.

As histórias de vida dos moradores da cidade de Tarauacá se entrelaçam por meio de pontos em comum aos participantes da pesquisa: a origem humilde, precárias condições de vida dos pais, oriundos do trabalho no seringal com a extração do látex da seringueira (*Hevea brasiliensis*) ou atividades de agricultura de subsistência (roçado), pouca ou incompleta escolarização. Souza (2013) define essa população como uma sociedade interiorana subjugada ao ciclo dos rios Tarauacá e Muru, oprimida pela floresta sufocante e sujeita aos humores de homens capazes de impor aos seus semelhantes um destino fatal. A seguir, apresentamos trechos das entrevistas que corroboram com a **categoria trabalho**:

Eu nasci no seringal Envira e mudamos para Tarauacá quando eu ainda era menino. Não cresci porque não deu tempo, desde pequeno trabalhei na roça para ajudar meu pai (M2). Como vim de família muito pobre, desde os nove anos que comecei a pescar para ajudar em casa, sou pescador de carteira mesmo e me aposentei pela pesca (M5). Meu pai trabalhava de carpinteiro para sustentar a família e assim, a gente ia vivendo a vida, de acordo com o que a condição dava. Aos 14 anos, arrumei um emprego [...] os donos de plantações de arroz contratavam a gente para ficar “pastorando” a plantação de quando brotava até quando amadurecia para não deixar os passarinhos comerem. Depois passei a trabalhar lutando com gado, fui vaqueiro, fui leiteiro (M8).

Na concepção de Perazzo (2015), extremamente ligadas com os aspectos emocionais, as memórias podem trazer à tona emoções como a alegria ou a tristeza, permitindo que a criança aprenda a lidar com diferentes sentimentos. O autor acrescenta ainda que no processo do aprender, é importante saber como armazenar essas informações. Isso vai ajudar a desenvolver diversas habilidades e características que, futuramente, serão essenciais para a vida adulta.

Nessa perspectiva, Perazzo (2015) destaca ainda que nossas memórias de infância imprimem em nós o afeto que nos circundava, a atmosfera com a qual crescemos e nos tornamos adultos, com todas as transformações que isso possa significar. Nessa mesma linha de pensamento, Candau (2019) acrescenta que os acontecimentos, sejam eles positivos ou negativos, que vivenciados durante a infância, ajudam a construir quem somos.

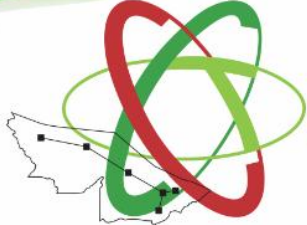


Para Le Goff (2013), nesta trajetória de volta à infância, é possível descobrir a existência de uma memória imaginária, pois a infância ultrapassa limites e avança para uma memória reinventada, à medida que aquele que recorda não é mais o mesmo que vivenciou as experiências. Assim, o vivido, o sonhado e o imaginado se fundem, fazendo renascer a força da infância.

Ao refletirmos sobre o que era uma infância feliz na Tarauacá do passado, inúmeras são as possibilidades de respostas. Algumas questões que poderiam vir ao encontro deste conceito são inocência, pureza, magia, brincadeira, novidades, fantasia, criações, combinações e outras inúmeras situações que fazem parte desse universo infantil. Podemos inferir a partir das entrevistas que apesar das inúmeras dificuldades impostas pelo ambiente da época, muitos tiveram uma infância alegre, pois oito entrevistados se referiram à essa fase da vida como sendo muito boa. A seguir, apresentamos trechos das entrevistas que corroboram com a **categoria infância**:

No inverno, quando o rio alagava toda cidade, o que era desespero para os pais, para os meninos daquela época, era puro divertimento [...] (M3). Minha infância aqui foi muito boa, era um lugar tranquilo e a gente podia brincar pelas ruas sem medo de sofrer um acidente, alguma violência ou algo assim (M5). E ali naquela bueira grande, nós tomávamos banho. A água era limpinha, ninguém jogava sujeira nela e saía direto no rio, naquele local, além de ser bom para tomar banho, também se lavava roupa lá. Naquela época não tinha onde comprar bonecas, então, se fazia boneca de pano e dentro enchia de algodão [...] as espingardas dos meus irmãos eram feitas com o pau da taboca, uma espécie de bambu (M8).

De acordo com o artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente, “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente, aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 2015). Porém, podemos inferir, a partir das entrevistas realizadas, que, para outros, essa fase praticamente não existiu, pois muito cedo, tiveram que deixar a vida de criança para ajudar os pais no trabalho braçal, pelas condições precárias da época, como verificasse nas seguintes falas: “como vim de família muito pobre, desde os nove anos que comecei a pescar para ajudar em casa (M4). Meu menino saía às cinco horas da manhã pra ir brocar campo, por cinco reais e eu, comecei a fazer quibe de arroz pra vender” (M8).



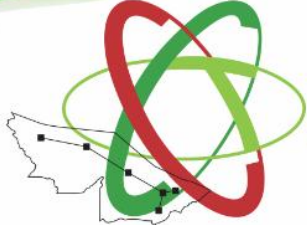
Segundo Ribeiro et al., (2019), parte da identidade de cada sujeito está relacionada à estrutura de sua família, a qual se constitui através do legado familiar, ou seja, do que é transmitido de pais para filhos, tais como valores e crenças.

A família é uma das instituições mais antigas e pilar de sustentação para todos, afinal é nela que aprendemos a conviver e interagir com o mundo em que nos cerca, além de sermos preparados para a vida. Uma família cercada de amor, paciência, respeito e cumplicidade, educa e forma indivíduos seguros e aptos para o convívio social (RIBEIRO et al., 2019).

A família é a primeira sociedade em que vivemos e que levamos para toda a vida e a base para a formação de qualquer indivíduo, podemos inferir que entre memórias ruins e boas, a presença da família aparece como elemento determinante, pois é no convívio familiar que se desenvolve o respeito, a solidariedade, a disciplina e o vínculo de confiança entre pai e filho. Nesse sentido, podemos inferir que a **categoria família** foi um tema bastante frequente nas memórias dos entrevistados:

Funcionário público municipal a mais de trinta e cinco anos, casado a quase quarenta anos, pai de cinco filhos, que são motivos de orgulho (M3). Eu disse para meus filhos que não quero nenhum deles na mesma vida que eu vivi, estudem e seja alguém na vida (M5). Meu pai trabalhava de carpinteiro para sustentar a família e assim, a gente ia vivendo a vida, de acordo com o que a condição dava (M6). Apesar do jeito do pai, agradece a ele por tudo que fez, pois não é fácil criar cinco meninos sem a mãe, e ele foi pai e mãe, hoje eu reconheço e nunca o abandonamos na velhice (M8). Me lembro como se fosse hoje, tive quatorze filhos, perdi dois de aborto, dois foi de tempo e restaram dez. Eu me casei no seringal Muru, quando foi em 1959, eu tive Maria, minha primeira filha (M9).

Durante muito tempo, as mulheres viveram em função da figura masculina, tendo que submeter-se às vontades de uma sociedade machista. Foram muitos os obstáculos que as mesmas tiveram que enfrentar para conseguirem ser vistas em igualdade com os homens e capazes de assumir funções que em outras épocas estavam destinadas à figura masculina. Todavia, de acordo com Batista (2007), durante longo tempo, o aspecto da dominação masculina pela via do patriarcado brasileiro (do século XVI ao XIX), manteve a mulher diante de um papel social de



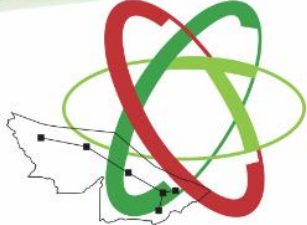
subjugação e silenciamento, sendo frequente a prática de violência cometida contra elas justamente pelo fato de que o “forte” seria o patriarca.

Chegamos no Século XXI, sem ainda ter resolvido esse problema pois, a mulher continua a sofrer violências física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral. Para Eliade (2002) fatores econômicos, políticos e culturais, juntamente com crises conjugais e desgaste das relações pessoais são desencadeadoras das múltiplas formas da violência e geram consequências irreparáveis para os indivíduos, para a família ou sociedade.

No contexto da Tarauacá de décadas passadas e, com base nas entrevistas realizadas, podemos inferir que num ambiente de inundações periódicas, com índios agressivos, animais ferozes e inúmeras espécies de insetos venenosos, surge um quadro ainda mais perverso para a mulher nascida na região de seringal, que muitas vezes, além das mazelas naturais, ainda tinha que conviver com comportamentos machistas e, para fugir de uma rotina de agressões ora físicas, ora psicológicas, acaba abandonando o esposo e optando por criar os filhos sozinha. Num ambiente extremamente masculino, prevalecia a cultura de que a função da mulher seria casar, cuidar da casa, dos filhos e do marido. Nesse sentido, podemos inferir que a **categoria memórias femininas** foi um tema recorrente nas entrevistas:

Nesse tempo, mulher não era ninguém! Não votava, só ficava em casa e nem podia entrar num barracão dos seringais para fazer compras (M2). Eu nasci no Jordão e fui embora pro Alto Tarauacá. Conheci o pai dos meus filhos e fui morar lá, onde passei vinte e cinco anos. Mas por ser um homem que me magoava, maltratava e só queria saber do meu trabalho e de fazer menino, resolvi tocar minha vida em frente (M6). Eu casei cedo, pois meu pai dizia que mulher era pra casar, cuidar da casa e dos filhos pro marido, assim eu fiz, depois de nove barrigadas, ele foi embora e me deixou com nove bocas pra dá de comer. Naquela época era muito difícil para uma mulher sozinha criar uma reca de filhos (M10).

Conforme Souza (2013), o rio Tarauacá nasce no Peru, toma a direção leste e desemboca no rio Juruá (Estado do Amazonas), percorrendo aproximadamente, 715 km, com uma profundidade média de 7,5 metros no inverno e pouco mais de 1,5 metros, no verão, fator que compromete sua navegação. Nome de origem indígena, que quer dizer, “Rio das tronqueiras”, pois por onde passa, a força das suas águas leva consigo, a vegetação mais próxima às margens. Suas águas pardacentas, além

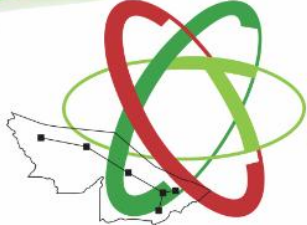


de servirem de habitat para inúmeras espécies de peixe, já inspiraram o imaginário do homem ribeirinho. Por mais de século, ele foi usado como corredor de ligação entre a cidade de Tarauacá e seringais adjacentes e aparece como um ponto comum nas memórias de boa parte dos nossos entrevistados.

A relação entre os moradores de Tarauacá com o regime do rio é bastante forte. A mesma pode ser constatada nas entrevistas, pois vários entrevistados, ora ou outra, acabam fazendo referência ao rio das tronqueiras, seja pelo fato de representar o principal meio de acesso às regiões ribeirinhas, pelas suas constantes enchentes, ou como forma de atração e lazer, quando nos meses de abril a setembro, suas águas baixam e surgem quilômetros de bancos de areia. Graças a ele, a assistência do poder público, como educação, saúde, previdência, entre outras, pode chegar às regiões ribeirinhas. Nesse sentido, podemos inferir que a **categoria Rio Tarauacá** foi um tema recorrente nas entrevistas:

Para se deslocar, entre os seringais e outras localidades o meio de transporte mais rápido era o varetão, uma espécie de canoa grande na qual o remo é substituído por uma vareta de bambu, que ao tocar no fundo do rio impulsiona a canoa para frente. Durante muitos anos, essa prática foi muito comum no rio Tarauacá (M8). Naquele tempo, eu tinha dez anos, mas me lembro como se fosse hoje, nós vínhamos de barco pelo rio Tarauacá para a casa da minha vó. Saltava lá no porto, pegava um trapiche chamado Ponte da Aninga, era a única forma de chegar até a casa (M4). No verão o rio secava e aparecia a praia para corrermos na areia e se banhar, no inverno, quando o rio alagava toda cidade, o que era desespero para os pais, para os meninos daquela época era puro divertimento (M9). [...] mais de três décadas navegando pelo rio Tarauacá, na procura do melhor lugar para pescar (M10). A localidade era afastada de tudo, o meio de transporte era o barco, por meio do varejão, subia e descia o rio Tarauacá, levando mercadorias, trazendo seringa e para ir a Manaus, tinham uns barcos que atracavam no porto umas duas vezes por mês, chegavam cheios de mercadorias para abastecer o comércio (M12).

De acordo com o Núcleo de Educação Estadual de Tarauacá, o município atende atualmente a dez escolas localizadas em regiões ribeirinhas, por meio do projeto “Caminhos de Educação no Campo”. O acesso a essas localidades só é possível por meio do rio. Porém, o mesmo rio que sempre garantiu a comunicação, a chegada de notícias e mercadorias a comunidades distantes, o sustento de famílias, ou mesmo, momentos de lazer para os mais jovens, durante o inverno, demonstra seu poder devastador, tomando conta das ruas da cidade e deixando boa parte da



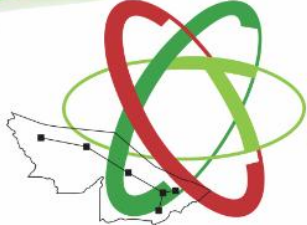
população desabrigada. Nessas ocasiões, os moradores precisam contar com a solidariedade de parentes, amigos ou de ações de assistência por parte do poder público.

Conforme Souza (2013), cultura é construída através do diálogo entre as pessoas no dia a dia. Nessa interação social surgem elementos simbólicos que passam a ter sentidos a essas pessoas, e são compartilhados entre elas. Para o autor, são esses elementos simbólicos da cultura que vão identificar esse povo como pertencente a uma determinada comunidade, surgindo assim, a identidade cultural.

Nessa perspectiva, Batista (2007) destaca que para se compreender as transformações pelas quais a cultura de um povo tem passado no decorrer dos tempos, se faz necessário conhecer como era antes no início de sua construção. Há de se estabelecer parâmetros para se pode definir em que aspectos a cultura foi transformada e em que grau.

No que tange a questão cultural da cidade de Tarauacá, com base nos depoimentos colhidos, pode-se inferir que em épocas passadas, a cidade teve uma vida social bastante expressiva, quando comparada com outras localidades interioranas. Entre os eventos culturais de destaque, podemos citar os bailes de carnavais, as festas juninas com arraiais nas escolas, os novenários de São José, no final do mês de abril e o de São Francisco, no final de setembro e início de outubro, com suas novenas, os festejos da semana da pátria, missas festivas, procissões e shows na praça. Nesse sentido, podemos inferir que a **categoria religião e cultura** foi um tema recorrente nas entrevistas:

Apesar de pequena e localizada em plena floresta amazônica, a vida social na cidade de Tarauacá era bastante agitada. Para os mais abastados, havia eventos no teatro municipal, lá os homens se apresentavam de paletó e as mulheres sempre bem vestidas. As principais atrações eram o piano da dona Bibita e os saxofones do professor Vitor e Décio Craveiro. Lá onde é o bairro da Praia, ficava o forrozão com sanfona e violão (M12). Nós ouvimos aquele primeiro jogo nesse rádio. Foi uma barulheira danada ao redor da casa de meu pai, todos os vizinhos das redondezas querendo acompanhar o jogo. Pelé ia jogar pela primeira vez (M3). Não gosto muito de ir pra cidade, mas na época do novenário de São Francisco, eu passo uns dias na casa do meu filho pra não perder os festejos. Lembro que em épocas passadas, os parentes que morava no seringal arribava tudo pra casa de parentes, era um furdunço danado. A praça da igreja fica amontoada de gente e quem era comerciante aproveitava para ganhar uns trocados (M4). Na



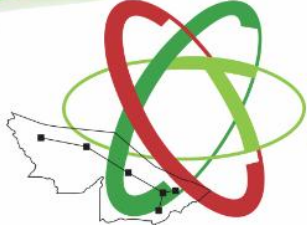
época do novenário de São José e de São Francisco, a cidade ficava e ainda fica bastante movimentada, a prefeitura enfeitava a praça, os comerciantes montavam barracas e de tudo era vendido por ali, em frente a paróquia, comida, roupa, brinquedo. Mas a parte que eu mais gostava era porque a casa do meu pai ficava movimentada, porque vinha os primos que moravam no seringal, para o Novenário (M6).

O direito à Educação Básica é garantido a todos pela Constituição Federal em seu artigo 205, sem que haja quaisquer distinções, a fim de garantir que a pessoa alcance o desenvolvimento pleno e esteja apta ao exercício para o trabalho e, também, para exercer a cidadania. Sendo dever do Estado e da família zelar para que a Educação seja promovida. Estes direitos são reiterados pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB), segundo a qual a Educação Básica, que compreende a Pré-escola, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, é direito público subjetivo, sendo obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos (17) dezoito anos. A Lei garante ainda a gratuidade do ensino mesmo para aqueles que não tiveram acesso na idade própria.

Devido à localização geográfica, levar educação a algumas localidades acreas é um grande desafio, uma vez que o acesso, muitas vezes, só é possível, pela via fluvial. Nesta perspectiva, se considerarmos o contexto de décadas passadas, o acesso ao ensino numa região de seringal era quase impossível. Nessa perspectiva, Souza (2013) esclarece que os filhos de famílias abastadas eram mandados para fora do estado, os sem recursos financeiros, tinham que contar com a própria sorte.

Podemos inferir a partir das entrevistas realizadas e pelo contexto vivenciados por seus familiares, somados à dificuldade de acesso ao ensino e pela escassez de escolas que, durante muito tempo, uma educação inclusiva não foi prioridade em Tarauacá e muito menos nos seus seringais adjacentes. Num ambiente sem perspectiva, a opção era seguir o destino dos pais, extração da seringa, agricultura de subsistência, doméstica, lavadeira, ou algum trabalho braçal, pois a prioridade era o sustento da família. Nesse sentido, podemos inferir que a **categoria educação** foi um tema recorrente nas entrevistas:

Naqueles tempos a educação era muito seletiva, pois aqueles sem recursos, só estudavam se tivessem muita força de vontade e sorte



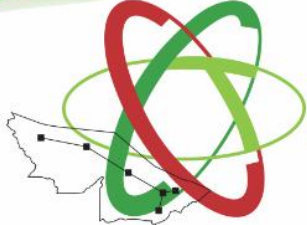
porque existiam poucas escolas (M9). [...] tinham poucas escolas e era preciso ter muita força de vontade. O Curso primário, o primeiro fraco, médio e forte. Depois o segundo, terceiro e quarto ano e assim se chegava ao quinto ano e tínhamos que fazer um exame de admissão para poder ir para o ginásio, que hoje equivale do sexto ao nono ano (M10). Meu pai dizia que estudar era coisa de preguiçoso, menino precisa se acostumar com o cabo da enxada e nenhum filho estudou (M7). Estudei lá até a 2ª série do 2º grau, depois tive que abandonar porque arrumei família e tive que trabalhar o dia inteiro para sustentar (M1).

Dos doze entrevistados, apenas 25% deles (3 entrevistados) fizeram referência à educação como a possibilidade de transformação da realidade vivenciada, como pode ser verificado pelas seguintes falas:

Então, nessa minha vinda pra cá, eu me dediquei inteiramente a estudar e comecei a observar que a educação era o caminho para transformar minha vida e a vida da minha família (M1). Eu disse para meus filhos que não quero nenhum deles na mesma vida que eu vivi, estudem e seja alguém na vida (M5). Vejo a implantação de um campus do Instituto Federal de Educação em Tarauacá, como a continuidade de um trabalho que eu fiz ao longo da minha vida profissional, buscar mudar a realidade de nossa cidade por meio da educação (M12).

De acordo com dados fornecidos pelo Núcleo Educacional de Ensino de Tarauacá, atualmente, a cidade possui mais de dois mil professores distribuídos por 7 escolas municipais voltadas à educação infantil e ensino fundamental I e II; 14 destinadas ao ensino médio, das quais 04 localizam-se na zona urbana, com ensino regular e EJA e 10 estão situadas em áreas ribeirinhas, com acesso somente pela via fluvial. As últimas são denominadas Centros Florestais e são atendidas por meio de um projeto intitulado “Caminhos de Educação no Campo”.

Além das escolas municipais e estaduais, desde 2014, o município passou a contar com uma instituição de ensino federal. O Instituto Federal do Acre, campus Tarauacá (regional Tarauacá/Envira) foi criado pela portaria nº 994, de 07 de outubro de 2013. Atualmente com um quadro de 33 docentes efetivos, o campus de Tarauacá atende pouco mais de 550 alunos nas modalidades, ensino Técnico Integrado ao Médio, Técnico Subsequente e, com intuito de promover a verticalização da tríade, básica, profissional e educação superior, no ano de 2019, inaugurou seu primeiro curso Tecnologia em Gestão do Agronegócio, visando a consolidação e o fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais.



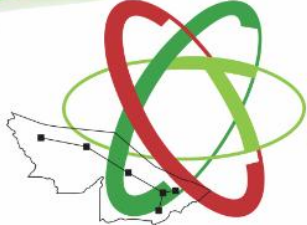
Histórias de vida e a interdisciplinaridade no ensino médio integrado

Ao abordar a temática interdisciplinaridade Frigotto (2008) considera que o homem, na sua busca incessante de satisfazer inúmeras necessidades de natureza histórica, biológica, intelectual, afetiva, cultural e estética, precisa estabelecer inúmeras relações sociais. Tais relações se fazem necessária para que se tenha um indivíduo desenvolvido em sua completude e capaz de transformar sua realidade. Na contramão dessa concepção, em plena era das grandes descobertas tecnológicas e científicas, temos um ensino fragmentado e desarticulado, em que o currículo escolar é constituído por compartimentos incomunicáveis e na maioria das vezes sem nexo com contexto sociocultural do aluno.

Para Morin (2011), este caráter fragmentado e desarticulado tem origem na exigência material de formação dos indivíduos que a sociedade moderna, com suas formas de organização social, impôs às instituições educacionais, inclusive à escola em todos os níveis. Nessa perspectiva, o autor destaca que surge a interdisciplinaridade como perspectiva de uma formação integral, que leva em consideração a realidade vivenciada pelo aluno de forma a articular teoria e prática. Assim, podemos considerar que a interdisciplinaridade pode ser tomada como a possibilidade de quebrar a rigidez dos compartimentos que se encontram isoladas as disciplinas dos currículos escolares.

Conforme Moran et al. (2013), aqui não se questiona a importância e peculiaridade de cada disciplina, pois elas constituem como um recorte mais amplo do conhecimento em uma determinada área. O autor acrescenta ainda que, este recorte tem o objetivo de possibilitar o aprofundamento de seu estudo, é uma necessidade metodológica legítima e necessária, porém insuficiente para garantir a formação integral dos indivíduos.

Nessa mesma direção, Morin (2011) enfatiza que um mesmo conteúdo pode ser tratado em sala de aulas sob várias perspectivas diferentes. Arte, literatura, sociologia, histórias, matemática, geografia, música e outras áreas se integram naturalmente em um mesmo contexto, mas em situações diversas. Por isso é importante a



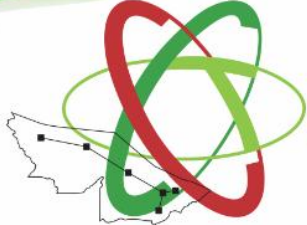
interdisciplinaridade na escola, um dos principais elementos para ampliar a interação e praticar os conteúdos aprendidos.

Para Frigotto (2008), dos caminhos para se trabalhar a interdisciplinaridade é relacionar os conteúdos com situações reais, por meio de temas que envolvem diferentes áreas do conhecimento e que requerem soluções para os problemas ou desafios que foram dados, de forma que os conteúdos possam ser trabalhados de forma conjunta, porém preservando as particularidades de cada disciplina. O autor supracitado destaca, entretanto, que os professores tenham liberdade para alterar a ordem em que os conteúdos serão trabalhados e sintam-se à vontade para fazer essa interação. O caminho mais seguro para fazer a relação entre as disciplinas é se basear em uma situação real (Moran et al., 2011).

No que tange à realidade da sala de aula, os resultados da pesquisa indicam que além de proporcionar o resgate de memórias, lugares, personagens, cenários, contribui com o processo de inclusão dos povos habitantes de áreas distantes dos grandes centros urbanos, que muitas vezes, acabam sendo esquecidos pelo poder público, valoriza a cultura da comunidade, e ainda pode contribuir com o processo de interdisciplinaridade, uma vez que os textos poderão se tornar recursos pedagógicos para diversas disciplinas no ensino médio integrado (Quadro 1).

Quadro 1 - Componentes curriculares e temáticas que podem ser abordadas em sala de aula a partir das narrativas orais de histórias de vidas, Tarauacá, Acre.

Língua Portuguesa e Literatura	Oralidade, língua falada e escrita; Gênero textuais e variações linguísticas; Semântica: sentido figurado e literal; Tipologia textual.
Sociologia	Movimentos migratórios, agrupamentos sociais; As paisagens naturais e a alteração do equilíbrio natural.
História	Introdução à história do Acre: povoamento; Formação da população acreana; Regionais do Acre - Tarauacá/Envira; Os ciclos da borracha e ocupação.
Geografia	Formação da população de Tarauacá; Aspectos físicos e hidrografia da região; Principais atividades econômicas.
Artes	Artistas anônimos do município: música, poesia, pintura, artesanato, cultura indígena.



Filosofia	O pensamento pré-colonial e o pensamento do Brasil; O conhecimento popular ou senso comum.
-----------	---

Fonte: elaborado pelos autores

A partir das informações acima, obtidas com professores de Língua portuguesa, Sociologia, História, Geografia, Artes e Filosofia, do Instituto Federal de Educação, campus Tarauacá, podemos considerar que as interações entre as disciplinas das diferentes áreas, quando baseadas em situações do contexto sociocultural do aluno, criam um ambiente propício para se promover aquilo que Freire (1989) considera uma aprendizagem significativa, pois conteúdos que seriam trabalhados de forma convencional, seguindo o livro didático, passam a ser ensinados e aplicados na prática.

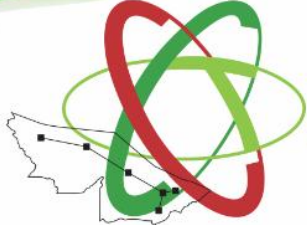
4 CONCLUSÕES

As narrativas orais de histórias de vidas trouxeram o resgate de memórias de moradores da cidade de Tarauacá, tais memórias ora individuais, ora coletivas, evidenciaram o panorama da cidade e de seus moradores, desde o período dos seringais aos dias atuais.

Na atual conjuntura, em que a todo instante se busca a integração, ou conexão das coisas, com objetivo de compreender o mundo a partir da dualidade, teoria e prática, a escola não pode permanecer alheia à necessidade de uma formação plena. Nessa perspectiva, os resultados obtidos com está pesquisa podem contribuir para fortalecer o sentimento de pertencimento, promovendo a interação entre diferentes gerações, e ainda, direciona indicativos ao processo de interdisciplinaridade, fazendo com que as possibilidades apresentadas favoreçam a aprendizagem de forma mais significativa para o aluno, uma vez que o conhecimento parte de uma realidade vivenciada por ele.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, C. A.; SZYMANSKY, H. A entrevista na pesquisa em educação. **Revista Educação em Questão**, São Paulo, v.57, n.53, p.1-4, 2019.



BARBOSA, J. F. **Narrativas orais: performance e memória**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

BATISTA, G. A. **Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Taubaté, Taubaté, 2007.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. **Dispõe sobre a criação dos Institutos Federais**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 05 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 2, de 7 de abril de 1989**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de abril de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 05 de jul. 2022.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CANAU, J. **Memória e identidade**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

ELIADE, M. **O mito do eterno retorno**. 1. ed. São Paulo: Mercuryo, 2002.

FERRANTE, M. J. **Seringal**. 2. ed. Rio Branco: Ufac/Fundape, 2003.

FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Revista do Centro de Educação e Letras**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 41-62, jan./jun., 2008.

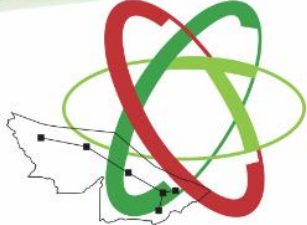
GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed., São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 05 jul. 2022.

KOCH, I.V; ELIAS, V. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LE GOFF, J. **História & Memória**. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LIRA, T. M. Comunidades ribeirinhas da Amazônia: organização sociocultural e política. **Revista Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 1, p. 66-76, 2016.



MORAES, R; GALLIAZZI, M. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas Faces. **Revista Ciência & Educação**, São Paulo, v.12, n.1, p. 117-128, abr. 2006.

MEIHY, J.C.S.B; SEAWRIGTH, L. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MEIHY, J. C.S. B. Os novos rumos da história oral. **Revista de História**, São Paulo, v.2, n.155, p.191-203, mar. 2006.

MORAN, J. M; MASETTO, M. T; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PERAZZO, P. F. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. **Revista Comunicação & Inovação PPGCOM/USCS**, São Caetano do Sul, v.16, n. 30, p. 120-131, jun./ abr. 2015.

RIBEIRO, P. M; CASSUCE, F. C. C; Curi, R. L. C. Desigualdade e estrutura familiar: análise comparativa. **Revista de Desenvolvimento Econômico-RDE**, Salvador, v.1, n.42, p. 33-60, abr. 2019.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, P. 17-30, v.3, n.4, p. 17-30, mar.1993.

SANTOS, B. M. S. **História, memórias educacionais e diálogos interculturais no contexto escolar da fronteira Brasil/Bolívia**. 1. ed. Porto Velho: Temática Editora, 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed., São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, C. A. A. **História do Acre: novos temas, novas abordagens**. 8. ed. Rio Branco: Editora Carlos Alberto Alves de Souza, 2013.